

PEGAR NA CONSTRUÇÃO [PEGAR (E) V2]: FOCO NA FUNÇÃO SEMÂNTICO-PRAGMÁTICA

Dayane da Silva Grilo (UFRN/PIBIC)¹
dayannynha2009@hotmail.com

Introdução

Nos usos correntes da nossa língua materna, e de acordo com um dos grandes dicionaristas brasileiros, Adalberto Prado Silva (1971), o verbo PEGAR é definido pelos seguintes significados:

Pegar: 1. Tr. Dir. Colar, grudar, unir: **Pegar selos. Pegar cartazes às paredes.** 2. Tr. ind. e intr. Agarrar, prender, segurar, tomar com a mão: **Chegou a costureira, pegou do pano, pegou da agulha, pegou da linha** (Machado de Assis). **Quem nasceu para carreira, vira, mexe, larga e pega, sempre acaba junto ao carro** (Visconde de Taunay). 3. Tr. Ind., intr. e pron. Agarrar-se, fixa-se: **Pega-me ao corpo esta roupa. Pega no fundo a âncora pesada** (Luís de Camões). **A massa pegou. Pegou-se no fundo da assadeira.** 4. Intr. Cola-se, ficar aderente: **a cola pegou bem.** 5. Tr. ind. Ser contíguo: **Minha casa pega com a sua.** 6. Pron. Ser importuno ou maçador: **Pegou-se a (ou com) ele como um carrapato.** 7. Pron.: **Pegou-se a opinião do advogado.** 8. Pron. Brigar, contender: **Pegam-se a socos e pontapés.** 9. Tr. Ind. e intr. Criar raízes: **A muda pegou de galho. A trepadeira pegou no muro. A semente não pegou.** 10. Pron. Torna-se contínuo (o que era intermitente): **A febre pegou-se ao enfermo.** 11. Tr. Dir. Surpreender: **A chuva nos pegou em caminho.** 12. Intr. Dar bom resultado, surtir efeito: **Não pegara o protesto.** 13. Apanhar, contrair: **Pegara uma gripe danada!.** 17. Int. pron. Ser contagioso. (...). 19. Tr. Ind. Começar: **Pegou a falar e não parava mais. Pegamos de assistir à televisão.** 20. Ter alguma coisa de comum: **Este sentimento pegava com a piedade humana** (Machado de Assis). (...)

Nas definições citadas pelo dicionarista, vemos que PEGAR possui um significado gramatical pleno. Entretanto, outro uso do verbo supracitado tem nos chamado atenção: trata-se de um uso em que esse verbo deixou de ser um verbo gramatical pleno e passou a ser usado na perífrase [PEGAR (E) V2] como uma espécie de verbo auxiliar semanticamente inseparável de V2, que é o verbo pleno/principal, com o qual PEGAR partilha as categorias de tempo, aspecto, modo, número e pessoa; entre esses dois verbos, pode ser inserida a conjunção E. Seguem, abaixo, dois exemplos:

(1) “(...) o filme era sobre um homem que colocaram... trocaram as bolsas... daí o homem levou uma bolsa cheia de dinheiro sem ele saber que na mala dele... pensando que era dele mas era errada... quando ele chegou onde ele ia trabalhar... tinha uma moça tentando abrir a porta pra fazer entrevista com uns cantores lá que tinham ... daí ele perguntou ... “você tá tentando abrir a porta?”... daí ele...” não... não”... daí ele disse ... “ah... tá... sim”...daí ela ...“ é...e quero fazer uma entrevista”... daí ele disse...“ você quer

¹Este estudo contou com o apoio do CNPq – processo 800192/2011-7 – Variação e gramaticalização na indicação de aspecto global através da perífrase [V1auxiliar (PEGAR, CHEGAR, IR etc.) (E) + V2principal]: um estudo sociofuncionalista comparativo. Sendo orientado pela Prof.^a Dr.^a Maria Alice Tavares.

entrar... então pode entrar”... daí entraram... daí ficaram lá... quando ela entrou e queria fazer a entrevista um homem num deixou... daí a mulher pegou... subiu onde o homem tava trabalhando... rapaz né... onde ele tava trabalhando e ficou lá dando o show...” (S., Discurso & Gramática/Natal).

(2) “Ah:... eu sei fazer purê de batata... eu pego... boto a água... descasco a batata... para tudo pra cozinhar... depois que estiver pronto... eu boto na vasilha... amasso a batata... leite e a manteiga...” (P., Discurso & Gramática/Rio de Janeiro).

Na literatura da área da linguística, funções distintas têm sido atribuídas ao emprego do verbo PEGAR na construção em foco. Entre essas funções, estão: (1) expressar o começo súbito de uma ação; (2) realçar um evento da sequência narrativa; (3) dramatizar um evento; (4) indicar aspecto global; (5) atuar como *spacebuilder*(cf. seção 1).

O que é comum a todas essas propostas é o fato de que, em seu uso na perífrase [PEGAR (E) V2], o verbo PEGAR apresenta um significado de natureza mais abstrata que aqueles de suas fontes lexicais de significado mais concreto. Esse tipo de mudança de significação de um item linguístico é um processo natural, e é estudado pelo funcionalismo linguístico de vertente norte-americana, que entende a língua como um instrumento de interação social, maleável em seus usos e significações (cf. FURTADO DA CUNHA, 2008). Em razão dessa maleabilidade, a língua sofre mudanças constantes. Um dos processos de mudança que mais recebe atenção dos estudiosos funcionalistas é a gramaticalização, definida como um processo de rotinização pelo qual uma palavra ou construção lexical frequentemente utilizada em contextos específicos pode passar a integrar a gramática de uma língua e, uma vez tendo se tornado parte da gramática dessa língua, essa palavra pode adquirir funções ainda mais gramaticais e envolver processos de referenciação de universos mais concretos para universos mais abstratos (cf. GONÇAVES et al., 2007).

Urge salientar que existe uma grande dificuldade de categorização da função do primeiro verbo de construções perifrásticas como [PEGAR (E) V2] tanto no que se refere à língua portuguesa quanto a inúmeras outras línguas que possuem construções similares (cf. COSERIU, 1977; TAVARES, 2005). Há, por conseguinte, a necessidade de realização de mais estudos a respeito desse tema – caso deste trabalho.

Sendo assim, esse artigo traz contribuições para o tema estudado e, adotando o referencial teórico funcionalista, tem por finalidade: (1) analisar propriedades semântico-pragmáticas da construção [PEGAR (E) V2] no português brasileiro contemporâneo; (2) buscar indícios que contribuam para a caracterização e a definição da função desempenhada pelo verbo PEGAR na construção [PEGAR (E) V2] no português brasileiro contemporâneo, através de análise quantitativa e qualitativa de propriedades semântico-pragmáticas dessa construção; (3) contribuir para a descrição e a análise do português falado nas Regiões Nordeste e Sudeste, e possibilitar futuras comparações com resultados provenientes de pesquisas realizadas em diferentes regiões do país que também tomem a construção [PEGAR (E) V2] como objeto de estudo.

Para tecer contributos à discussão acerca da função desempenhada pelo verbo PEGAR na perífrase [PEGAR(E) V2], realizamos a análise de uma amostra de dados proveniente de dois *corpora* pertencentes ao banco de dados Discurso & Gramática (cf. FURTADO DA CUNHA, 1998; VOTRE, OLIVEIRA, 1995). Essa amostra é composta, no total, por 44 dados de fala, sendo 12 dados do *corpus* referente à comunidade de fala de Natal e 30 dados do *corpus* referente à comunidade de fala do Rio de Janeiro. Todos esses dados foram codificados de acordo com os seguintes grupos de fatores de natureza

semântico-pragmática: (1) pontualidade do evento referido pela construção [PEGAR (E) V2]; (2) subtaneidade do evento referido pela construção [PEGAR (E) V2]; (3) previsibilidade do evento referido pela construção [PEGAR (E) V2]; (4) tomada de iniciativa à ação por parte do sujeito da construção [PEGAR (E) V2]; (5) natureza da avaliação do falante relativamente ao evento referido pela construção [PEGAR (E) V2].

Apresentamos, na seção 2, os resultados referentes ao controle de propriedades semântico-pragmáticas da construção [PEGAR (E) V2] que nos permitiram avaliar com mais refinamento, na seção 3, a validade das cinco propostas elencadas acima e mais detalhadamente descritas na seção 1 a seguir. Além de considerar as propostas já existentes na área da linguística, em nossa proposição a respeito da função desempenhada por PEGAR na construção em tela, recorreremos também ao processo de gramaticalização, uma vez que nossos resultados apontam para a ocorrência de usos cada vez mais abstratos do verbo PEGAR na construção sob enfoque.

1. Propostas sobre a função de PEGAR na construção [PEGAR (E) V2]

Sintetizamos, na sequência, cinco diferentes funções que foram atribuídas, recentemente, ao verbo PEGAR na construção [PEGAR (E) V2]:

1) Expressar o começo súbito de uma ação: Santos e Braga (2003), em um estudo de natureza semântica, afirmam que, em exemplos como o seguinte: “Marta pegou e saiu”, o verbo PEGAR não carrega mais o seu significado concreto verbal de agarrar, prender, segurar, tomar com a mão, tornando-se indicativo da etapa inicial de uma ação súbita, que ocorre sem planejamento, ou motivo aparente, e é essa a ação indicada por (V2) no caso do exemplo citado, “saiu”. Trata-se, pois, de um verbo auxiliar que expressa aspecto inceptivo.

2) Realçar um evento da sequência narrativa: Dutra (2003), adotando uma perspectiva funcionalista, investiga o uso do verbo PEGAR em ocorrências como: “E sopra sopra a brasa na xícara/ aí a xícara queimou. / quase que começou a derreter/e furar a xícara/ aí ele pega joga a brasa fora”. Para a autora, em casos desse tipo, a função de PEGAR não é traduzir o movimento de um agente num espaço físico, no sentido de pegar algo, mas sim ressaltar a mudança de um fato para outro, dando ênfase ao evento posterior como decorrente daqueles outros que o precederam na sequência narrativa.

3) Dramatizar um evento: Rodrigues (2005) analisa dados como “Prefiro [não]- não fazer [não] não continuar não. Vou terminar meus estudos primeiro, aí, depois, eu vou ver! Tanto que ele me convidou para continuar lá e tal- falei: “Ah! Mas não vou continuar não, porque não vai dar”. Aí, eu peguei e saí do coisa. Aí, continuou a amizade e tal, mas aí, eu peguei e sai”. A autora defende que o verbo PEGAR, em construções desse tipo, desempenha a função discursivo-pragmática de enfatizar ou dramatizar o evento expresso pelo segundo verbo. Por exemplo, no dado aqui analisado, PEGAR dá destaque especial ao evento referido por V2 (“sair”).

4) Indicar aspecto global: Em uma abordagem funcionalista, Tavares (2005), com base em Coseriu (1977), propõe que, em ocorrências como: “aí eu falei assim “mas eu não vou ficar com ele não.. né? eu/ aí ele falou assim... aí o juiz “não... “eu falei assim “então tá... obrigada...” aí eu... aí eu peguei... aí... quando eu sai... ele querendo/ aí ele bem... foi pro outro corredor... eh... pegou... puxou o braço da minha mãe... eh deu um

soco no olho da minha mãe”, a função de PEGAR está relacionada à indicação de aspecto global. Como aspectualizador global, esse verbo revela como o falante percebe e apresenta ao ouvinte circunstâncias ligadas à realização do evento referido por V2, ressaltando um leque de nuances semântico-pragmáticas como o caráter pontual, repentino, instantâneo ou até brusco desse evento, e/ou a tomada de iniciativa do agente, e/ou avaliações subjetivas por parte do falante, que vão da surpresa à frustração.

5) Atuar como *spacebuilder*: Consoante Sigiliano (2008), que adota uma perspectiva sócio-funcional-cognitiva, PEGAR, na perífrase verbal sob enfoque, funciona como um substrato que permite a abertura de um novo espaço mental ou uma mudança de foco para um espaço mental existente. Nesse novo espaço mental, o verbo deixa de ter o seu significado concreto/pleno e passa a ser tradutor de um evento mais abstrato que necessita estar materializado para ser compreendido pela razão humana e, assim, o verbo empresta sua concretude semântica e passa a transmitir um sentido que materializa a ação de um campo mais abstrato. Por exemplo, em “Naquele dia eu nem fui de carro porque eu digo: “bom, vou fazer economia de gasolina”. Peguei e fui de carro até o lado de lá da serra e parei. Deixei o carro lá.”, temos uma cena de agentividade prototípica em que um agente humano age sobre um paciente; no caso, o sentido de PEGAR não traduz sua relação semântica concreta de agarrar, prender, segurar, tomar com a mão, pois seu campo semântico reflete a tomada de iniciativa de ir de carro.

2. Análise dos dados: o olhar quantitativo

Apresentamos, a seguir, os resultados que alcançamos através da análise de 44 dados da construção [PEGAR (E) V2] extraídos dos *corpora* Discurso & Gramática referentes às comunidades de fala de Natal e do Rio de Janeiro. Cada um desses dados foi avaliado quanto a cinco grupos de fatores: (i) pontualidade; (ii) subtaneidade; (iii) previsibilidade; (iv) tomada de iniciativa; (v) avaliação do falante.

Para tratar da pontualidade, recorreremos à Coseriu (1977, p. 128), para quem “a determinação aspectual alude à maneira de considerar a ação verbal no tempo”. Um dos aspectos verbais propostos pelo autor é o global, que é caracterizado pela pontualidade. Segundo Coseriu, um evento pontual é aquele que dura apenas um instante, marcando a extensividade verbal no tempo pretérito perfeito, como no seguinte exemplo:

(3) “(...) é::é:: era uma vez um homem... um prefeito de uma cidade que ia ter uma data comemorativa... mas a cidade não tinha dinheiro... pra fazer essa festa... então... o prefeito disse... “cada pessoa vai trazer um copo de vinho branco e de/ derramar no barril que vai ficar no centro da cidade” ...aí o cara muito:: sabido né... pensando que o resto tudinho ia botar vinho branco... pegou e disse... “eu vou botar... é ... eu vou botar é água porque... é parecido com vinho branco... ninguém vai notar”... aí foi botou água... aí... isso todo mundo botou... né... aí no dia da festa... quando todo... quando eles foram tirar... o vinho branco que:: que... que:: eles tinham derramado... num tinha vinho branco... só tinha água... porque todos ficaram se confiando que o outro ia botar vinho branco... que todos botaram água...” (O., Discurso & Gramática/Natal).

Em contraste, no próximo exemplo, temos uma ocorrência de PEGAR junto a um V2 que se refere a um evento não pontual, reportado no presente do indicativo:

(4) “(...) quando eu faço o arroz... eu pego da lata... ponho na bacia... lavo bastante... umas dez vezes... até sair aquela água branca... depois pego... escorro... pego alho/ ponho uma panela... né? de água... para ferver... pego o alho... em outra pan... panela soco... ponho:.... com óleo... aí deixo fritar...” (P., Discurso & Gramática/Rio de Janeiro).

A tabela abaixo traz os resultados referentes ao grupo de fatores pontualidade:

Tabela 1: Distribuição da perífrase [PEGAR (E) V2] quanto à pontualidade

PONTUALIDADE	Freq.	%
Pontual	33	75
Não pontual	11	25
TOTAL	44	100

Quanto à pontualidade, obtivemos uma frequência de 33 dados (75%) com aspecto pontual e 11 (25%) com aspecto não pontual.

A subtaneidade refere-se à intensidade ou precipitação com que o evento referido por V2 é realizado. Vejamos dois exemplos, o primeiro em que o evento é súbito e o segundo em que o evento não é súbito:

(5) “(...) aí ele continuou deitado... mas ele estava com medo... quando o cara foi chegando... aí o colega dele falou assim “ih...sujou... sujou... o cara está voltando...” ele pegou... saiu correndo... aí o cara foi embora...” (Q., Discurso & Gramática/Rio de Janeiro).

(6) “(...) porque mui/ muitos amigos fazem aniversário ... faz a festinha ... convida ... a ... o cara é legal ... num sei quê ... bom me convidam ... pego e vou ... uma reca assim ... um bando ... arrastão pra festa ... por isso que eu digo que essa foi a melhor coisa que aconteceu assim ... pra mim ...” (V., Discurso & Gramática/Natal).

A tabela abaixo traz os resultados referentes ao grupo de fatores subtaneidade:

Tabela 2: Distribuição da perífrase [PEGAR (E) V2] quanto à subtaneidade

SUBTANEIDADE	Freq.	%
Súbito	7	16
Não súbito	37	84
TOTAL	44	100

No que se refere à subtaneidade, a frequência foi de 7 dados de natureza súbita (16%) e 37 dados (84%) de natureza não súbita.

A natureza previsível, imprevisível ou possível do evento referido por V2 é identificada através de elementos presentes no contexto que antecede a perífrase em questão. Vejamos os exemplos a seguir:

(7)“(...) aí como ele se casou com essa mulher... ele/ casou não... se juntou... aí foi... teve um filho dele... aí depois ele ficou apegado muito com o menino... aí teve um filho essa mulher... menino/só menino que ele gosta... mesmo... aí teve um filho com esse mulher... aí essa mulher pegou... ganhou... uma/ um menino... pegou e morreu... aí depois ela ficou grávida de novo... aí ganhou uma menina... e ficou... ele... ele não gosta

muito de menina... aí eu isso/ isso eu achei bom... pra ele pagar.” (A., Discurso & Gramática/Rio de Janeiro).

(8) “(...) outro filme que eu gostei muito foi Ghost ... adorei ... da primeira vez foi super engraçado porque ... eu não usava óculos na época ... aí ... sentei atrás ... né? no cinema ... não via as letras minha filha ... e o povo ria ... e eu ria ... o povo ficava sério ... e eu ficava séria ... eu só via a imagem ... aí eu peguei e pedi pro meu noivo trazer né? o ... a fita de vídeo ... pra mim ver ... mas eu chorei muito ... chorei ... aí parecia um bebezinho ... logo no final ... assim que eles se encontram ...” (R., Discurso & Gramática/Natal).

No exemplo (7), o evento de ganhar um menino é previsível, visto o contexto do desencadeamento dos fatos narrados anteriormente. Entretanto, a morte da criança é um evento imprevisível, dentro do contexto discursivo que antecede a construção perifrástica. No exemplo (8), o evento de pedir para trazer uma fita de vídeo é possível dada às informações previamente apresentados pelo falante.

A tabela abaixo traz os resultados referentes ao grupo de fatores previsibilidade:

Tabela 3: Distribuição da perífrase [PEGAR (E) V2] quanto à previsibilidade

PREVISIBILIDADE	Freq.	%
Previsível/esperado	10	23
Imprevisível	8	18
Possível	26	59
TOTAL	44	100

No que tange à previsibilidade, encontramos uma frequência de 10 dados (23%) em que o evento denotado por V2 pode ser considerado previsível; uma frequência de 8 dados (18%) em que esse evento é imprevisível e uma frequência de 26 dados (59%) em que esse evento é possível.

Relativamente à tomada de iniciativa, no exemplo (9) a seguir, observa-se haver uma tomada de iniciativa por parte do participante agente (no papel sintático de sujeito da perífrase [PEGAR (E) V2]) para concretizar o evento em causa. Diferentemente, no exemplo (10) subsequente, tal tomada de iniciativa não ocorre.

(9) “(...) nisso nós demos um tempo... não chegamos nem a terminar... eu falei assim “não...tudo bem... você faz o que der na sua cabeça...” foi quando depois de um tempo... ele pegou e saiu com ela... ficou com ela... namorando ela... aquilo pra mim foi um choque... foi uma desilusão...” (F., Discurso & Gramática/ Rio de Janeiro).

(10) “(...) aí teve um filho com esse mulher... aí essa mulher pegou... ganhou... uma/ um menino... pegou e morreu... aí depois ela ficou grávida de novo... aí ganhou uma menina...” (A., Discurso & Gramática/ Rio de Janeiro).

A tabela abaixo traz os resultados referentes ao grupo de fatores tomada de iniciativa:

Tabela 4: Distribuição da perífrase [PEGAR (E) V2] quanto à iniciativa

INICIATIVA	Freq.	%
Com tomada de iniciativa	43	98
Sem tomada de iniciativa	1	2
TOTAL	44	100

No que diz respeito à questão da tomada de iniciativa por parte do sujeito da perífrase [PEGAR (E) V2], tivemos uma frequência de 43 dados com tomada de iniciativa (98%) e 1 dado sem tomada de iniciativa (2%).

A avaliação do falante a respeito do evento denotado por V2, cujos indícios podem ser percebidos contextualmente, varia de positiva ou negativa (conforme os exemplos (11) e (12)) à neutra (conforme o exemplo (13)).

(11) “(...) ah... você não mexe isso... com... com a memória não...” ele falando com a memória... né? “você não mexe com a memória não... você... dá algum jeito tem algum macete aí...” ele “é... tem algum macete... qual macete?” aí ele pegou... ensinou pro garotinho... né? qual era o macete pra... pra... mexer o palito... que a gente coloca o palito aqui nessa unha... aí ele/ na unha do/ desses dois dedos... e... e vai vibrando” (Y., Discurso & Gramática/Rio de Janeiro).

(12) “(...) aí ela veio de grosseria... gritando que eu estava atrapalhando a aula dela desde o início... que desde o início do ano que eu queria prejudicar... aí ela pegou e falou que da próxima vez ela ia me tirar de sala de aula... e nisso começou me agredir:: e tal... aí... eu simplesmente peguei minha mochila e fui embora da sala...” (S., Discurso & Gramática/Rio de Janeiro).

(13) “(...) tá ... bem ... macarrão ... aqui em casa num sabe? eu pego ... coloco água ... na panela ... claro ... só pode ser em panela ... boto ... deixo ferver ... boto o sal num sabe? eu não coloco óleo ... não coloco ... não coloco ... aí eu deixo ferver num sabe?” (L., Discurso & Gramática/Natal).

No exemplo (11), o ato de ensinar o macete parece ser visto como positivo pelo falante, diferente do ato de falar em tirar o informante da sala de aula, no exemplo (12), que parece ser visto como negativo. Por sua vez, o ato de colocar água, no exemplo (13), parece não ser avaliado nem positiva, nem negativamente, podendo ser considerado neutro.

A tabela abaixo traz os resultados referentes ao grupo de fatores avaliação do falante:

Tabela 5: Distribuição da perífrase [PEGAR (E) V2] quanto à avaliação

AVALIAÇÃO	Freq.	%
Sem Avaliação	33	75
Contra expectativa positiva	4	9
Contra expectativa negativa	7	16
TOTAL	44	100

A frequência de posturas avaliativas ligadas ao uso da construção perifrástica [PEGAR (E) V2] foi de 33 dados neutros quanto à avaliação (75%), 4 dados (9%) com

uma avaliação considerada positiva e 7 dados (16%) com uma avaliação considerada negativa.

Na próxima seção, relacionamos esses resultados quantitativos às diferentes propostas de classificação funcional da construção [PEGAR (E) V2] encontradas na literatura da área (cf. seção 1), para assim podermos fornecer subsídios para uma melhor identificação da natureza de tal função.

3. Em busca da função do verbo PEGAR na construção [PEGAR (E) V1]

Como vimos, na literatura linguística, várias propostas acerca da função do verbo PEGAR na perífrase [PEGAR (E) V2] tem sido feitas. Em síntese, essas propostas defendem uma ou mais das seguintes possibilidades: indicação de aspecto inceptivo, realce ou dramatização do evento denotado por V2, indicação de aspecto global e construção de um espaço mental em que PEGAR deixa de expressar significados concretos para traduzir eventos mais abstratos, como a tomada de iniciativa por parte do sujeito agente da perífrase sob enfoque.

Em relação à proposta que defende que PEGAR, na perífrase [PEGAR (E) V2] exhibe aspecto ligado ao plano inceptivo, apontamos que esse verbo não pode ser considerado um aspectualizador indicativo do momento inicial de um evento porque, em todas as ocorrências que analisamos, não ocorre um destaque especial para a etapa inicial do evento referido por V2. Ou seja, PEGAR não é empregado para referir o início repentino de uma ação, como propõem Santos e Braga (2003), em contraste com alguns verbos marcadores de aspecto inceptivo que, dependendo do contexto de uso, podem fazer semelhante referência, como em João principiou a falar e João desandou a falar.

Com base nos resultados obtidos, acreditamos ter elementos para considerar, em linha com Coseriu (1977) e Tavares (2005), que PEGAR, na perífrase [PEGAR (E) V2], acentua uma visão global do evento referido por V2. O aspecto global é responsável por expressar a pontualidade de um evento (como ocorre em 75% de nossos dados), tornando irrelevantes suas fases de desenvolvimento, e pode apresentar, em seus contextos de uso, matizes semântico-pragmáticas como subtaneidade (como ocorre em 16% de nossos dados), imprevisibilidade (como ocorre em 18% de nossos dados), tomada de iniciativa por parte do sujeito agente da perífrase em tela (como ocorre em 98% de nossos dados) e avaliação positiva ou negativa do evento referido por V2 (como ocorre em 25% de nossos dados).

Consideramos que é por expressar tais indicações semântico-pragmáticas ligadas ao aspecto global – pontualidade, subtaneidade, imprevisibilidade, tomada de iniciativa, avaliação –, que esse verbo tem sido considerado um realçador ou dramatizador do evento codificado por V2, propostas de classificação lançadas por Dutra (2003) e Rodrigues (2005), respectivamente. Ou seja, acreditamos que PEGAR, por exibir o caráter global do evento denotado por V2, pode disparar, dependendo do contexto, uma série de indicações semântico-pragmáticas que acabam resultando no realce ou dramatização desse evento.

Todavia, como vimos, há ocorrências – 25% de nossos dados – em que a perífrase [PEGAR (E) V2] aparece em contextos em que o traço de pontualidade não está presente, contextos esses em que os verbos que compõem a perífrase estão no presente do indicativo. Assim, o evento referido por V2 não pode ser interpretado como um evento pontual que dura apenas um instante. Nesses casos em que o aspecto global

parece não se manifestar, também não parece haver nenhum tipo de realce ou dramatização de eventos.

Cremos ser possível explicar essas ocorrências recorrendo-se ao processo de gramaticalização. A esse respeito, nossa hipótese, a ser averiguada com maior detalhamento em estudos futuros, é a de que PEGAR pode estar recebendo usos cada vez mais abstratos e, assim, mais distantes de suas fontes lexicais de significado mais concreto (fenômeno também apontado por Sigiliano (2008)), o que se reflete nos resultados que obtivemos no que tange ao grupo de fatores pontualidade.

Tavares (2005) traz evidências de que foi o uso de PEGAR lexical de significado concreto, envolvendo tomar algo com as mãos (como em “João pegou a panela”), que serviu de fonte para o uso de PEGAR gramatical com o significado abstrato de indicação de aspecto global, a partir de situações em que se poderia inferir que a ação de tomar algo com as mãos foi pontual, repentina e/ou surpreendente. Por ter sido recorrentemente utilizado nesse tipo de contexto, PEGAR tornou-se um aspectualizador global – adquirindo, assim, uma função de caráter gramatical quando empregado na perífrase [PEGAR (E) V2].

No entanto, a gramaticalização é um processo contínuo, e PEGAR pode ter adquirido – ou estar em processo de adquirir – novas funções ainda mais abstratas em seu uso na perífrase em questão, o que explicaria a existência dos 25% de dados não pontuais em nossa amostra. Nesses dados, é possível que PEGAR esteja manifestando novos papéis que, por hipótese, teriam emergido a partir da função de indicação de aspecto global. Que novos papéis seriam esses? Vejamos os exemplos a seguir:

(14)“(...) tá ... bem ... macarrão ... aqui em casa num sabe? eu pego ... coloco água ... na panela ... claro ... só pode ser em panela ... boto ... deixo ferver ... boto o sal num sabe? eu não coloco óleo ... não coloco ... não coloco ... aí eu deixo ferver num sabe? aí quando tá um pouco mole né ... assim não muito ... igual a ... a ... a papa ... aí eu boto lá ... aí é tá ali ... eu boto ela e pego a escorredeira ... aí pego o pano ... enrolo na minha mão ... pra num queimar ... aí eu pego e jogo ... aí dou ... aí eu lavo com água ... porque se não ... mãe disse que se num lavar com água acontece alguma coisa lá ... parece que fica num ... ou que pega ... aí pronto ...”(L., Discurso & Gramática/Natal).

(15)“(...) eu sei fazer arroz... eu faço assim... pego... lavo o arroz... deixo de molho... lavo bem... depois... boto óleo na panela... sal... alho... soco tudo... depois boto o arroz... deixo ele/ boto água... deixo ele cozinhar... em... fogo baixo... deixo ver mais o que eu sei fazer... ah:... eu sei fazer purê de batata... eu pego... boto a água... descasco a batata... boto para tudo pra cozinhar... depois que estiver pronto... eu boto na vasilha... amasso a batata... leite e a manteiga...”(P., Discurso & Gramática/Rio de Janeiro).

Nesses casos, é possível que uma sequenciação algo pontual de eventos esteja em jogo, mesmo com os verbos no presente do indicativo. Isso ocorre mais comumente em casos de sequenciação de etapas em relatos de procedimentos (como nos exemplos acima), em que cada evento parece ser apresentado como um ponto delimitado no desenvolvimento do procedimento relatado.

Conclusões

Fundamentadas nos resultados obtidos, chegamos à conclusão de que o verbo PEGAR, quando usado na construção [PEGAR (E) V2], indica aspecto global,

ressaltando traços semântico-pragmáticos como pontualidade, subaneidade e tomada de iniciativa.

Todavia, em um quarto de nossos dados, o traço de pontualidade – essencial na expressão de aspecto global – não esteve presente, o que nos levou a tecer a hipótese de que PEGAR pode ter sofrido – ou estar sofrendo – uma ampliação funcional como mais uma etapa de seu processo de gramaticalização rumo a funções cada vez mais abstratas. Acreditamos que a função que está em jogo, nos dados em que o aspecto global parece não se manifestar, é uma espécie de indicação do caráter pontual de etapas de certos procedimentos descritos pelo falante, como em receitas culinárias, em que cada evento parece ser apresentado como um ponto delimitado no desenvolvimento dos procedimentos relatados.

Finalizamos com algumas sugestões para desdobramentos possíveis para o trabalho que aqui apresentamos. Estudos futuros podem explorar com maior refinamento a hipótese que levantamos de que o verbo PEGAR, em seu emprego na construção [PEGAR (E) V2], vem sofrendo ampliação funcional da indicação de aspecto global para novas funções, como a sequenciação – aparentemente, de natureza pontual – de etapas em relatos de procedimentos (como receitas culinárias). Além disso, estudos futuros também podem estender a investigação da construção [PEGAR (E) V2] para outras comunidades de fala de diferentes regiões brasileiras, com o propósito de tornar mais completa a descrição e análise da construção em tela no português brasileiro contemporâneo como um todo. Também podem ser levados a cabo estudos comparando o uso do verbo PEGAR na construção [PEGAR (E) V2] no português brasileiro com o uso desse verbo na referida construção em outras línguas que também a possuam, como o português europeu e o espanhol, o que serviria para averiguarem-se diferenças e semelhanças no emprego que se dá ao verbo PEGAR aquém e além mar.

Referências bibliográficas

- COSERIU, Eugenio. “Tomo y me voy”: um problema de sintaxis comparada europea. In: *Estudios de lingüística románica*. Madri: Guedos, 1977. p.79-151.
- DUTRA, Rosália. Formas realçadoras de eventos na sequência narrativa. In: *O falante gramático: introdução à prática do estudo e ensino do português*. Campinas: Mercado das Letras, 2003. p. 94-107.
- FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo. (Org.). *Manual de lingüística*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 157-176.
- _____. *Corpus Discurso&Gramática*. Natal: EDUFRN, 1998.
- GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; HERNANDES, Maria Célia Lima; GALVÃO, Vânia Cristina Casseb (Org.). *Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola, 2007. p.69-133.
- RODRIGUES, Angélica T. C. As construções do tipo foi e fez. In: 53º Seminário do GEL-UFSAR- São Carlos, 2005. Disponível em: <<http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2006/revista20062.htm>> Acessado em: 03 de fev. 2012.
- SANTOS, Suzanne de Lara; BRAGA, Sandro. Construção perifrástica “PEGAR E + ...”. Manuscrito. 2003.
- SIGILIANO, Nathália Sathler. “O telefone toco eu peguei e.: Quem ta falando?” *A polissemia do verbo pegar*. Juiz de Fora, 2008. Disponível em: www.fflch.usp.br/dlcv/lport/pdf/slp11/06.pdf. Acessado em: 30 de mar.2012.

TAVARES, Maria Alice. Gramaticalização: o caso da indicação de aspecto global através da construção [V1auxiliar (PEGAR, CHEGAR, IR, etc) (E) + V2principal]. Projeto de pesquisa. 2005. Impresso.

VOTRE, Sebastião; OLIVEIRA, Mariângela Rios (Coords.). *A língua falada e escrita na cidade do Rio de Janeiro*. Manuscrito. 1995.

SILVA, Adalberto Prado. *Novo dicionário brasileiro melhoramentos*. São Paulo: Melhoramentos, 1971.